

## Tradição e política na produção memorialística de **Cyro dos Anjos**



Ilustração de Euridyce (1960). In: ANJOS, Cyro dos. *Explorações no tempo*, 1963, fotografia (detalhe).

### *César Henrique de Queiroz Porto*

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Autor, entre outros livros, de *A representação de árabes e muçulmanos na televisão brasileira*. Curitiba: Appris, 2021. cesarqueirozporto@gmail.com

## Tradição e política na produção memorialística de Cyro dos Anjos

Tradition and politics of memorialistic production from Cyro dos Anjos

*César Henrique de Queiroz Porto*

### RESUMO

Cyro dos Anjos, escritor montes-clarense, escreveu um importante relato memorialístico intitulado *A menina do sobrado*. A primeira parte desse livro, chamada de *Explorações no tempo: memórias*, rememora com uma boa riqueza de detalhes aspectos do cotidiano de Montes Claros entre os anos de 1910 e 1923. A proposta deste texto é descortinar, a partir daí, aspectos da cultura política local no período em questão. Acima de tudo, pretende-se identificar como a cidade era representada na memória do autor, quando, apesar da política coronelista vigente, as elites locais viam Montes Claros como progressista.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura política; Montes Claros; Cyro dos Anjos.

### ABSTRACT

*Cyro dos Anjos, a writer from Montes Claros, wrote an important memorialistic account entitled A menina do sobrado. The first part of this book, called Explorações no tempo: memórias, recalls in great detail aspects of daily life in the city of Montes Claros between 1910 and 1923. The purpose of this article is to reveal, from the quoted text, aspects of the local political culture in the period in question. Above all, it is intended to identify how the city was represented in the author's memory. Despite the coronelista policy, the local elites considered Montes Claros a progressive city.*

**KEYWORDS:** political culture; Montes Claros; Cyro dos Anjos.



Cyro Versiani dos Anjos nasceu em Montes Claros em 5 de outubro de 1906. Era proveniente de uma das mais tradicionais famílias da região norte do estado de Minas Gerais. Os Anjos e os Versiani formavam um dos principais esteios na esfera política local no início do século XX.<sup>1</sup> Seu pai foi um importante chefe político do município. Daí que o escritor, desde os primeiros anos de sua infância, manteve contato com o universo político da cidade.<sup>2</sup>

Cyro dos Anjos pertencia a uma família que tinha um forte apego ao senso de lugar. Vários de seus ancestrais foram protagonistas que não se limitaram ao universo político. Em seu clã familiar nasceram figuras de destaque como médicos, bacharéis em Direito, comerciantes e fazendeiros de Montes Claros e de outras partes da região norte do estado. E, é claro, muitos políticos que ocuparam espaço na tradição política local.

<sup>1</sup> Cf. HORTA, Cid Rebelo. Famílias governamentais de Minas Gerais. II *Seminário de Estudos Mineiros*, s./l., s./e., 1957.

<sup>2</sup> Cf. Resultado parcial da pesquisa de PORTO, César Henrique de Queiroz, PEREIRA, Laurindo Mékie e CARDOSO, Antonio Dimas. Pensamento e ação: os intelectuais mineiros e os projetos para o Brasil”, financiada pela Fapemig.

Não se pode afirmar, contudo, que o escritor proviesse de família rica e bem abastada. O autor nos conta que o pai, que era comerciante e fazendeiro, “ganhava apenas o suficiente para manter uma família grande em condições modestas e educar os dois filhos mais velhos no Rio, acentuando o planejamento cuidadoso do orçamento”.<sup>3</sup> Entretanto, a despeito de certas privações e limitações financeiras, Cyro dos Anjos conseguiu formar-se em Direito na capital mineira – graças ao apoio de um parente – embora tenha exercido por pouco tempo a profissão de advogado (ele foi também professor, jornalista, funcionário público e até diplomata).

Na atividade literária, Cyro dos Anjos tornou-se um notável romancista, além de escrever poemas, crônicas, ensaios e textos de natureza memorialística. Neste último gênero, nos brindou com *A menina do sobrado* (1963), cuja primeira parte, *Explorações no tempo: memórias*, traz um retrato de Montes Claros no início do século XX, chamada na obra de “Santana do Rio Verde”. O livro descortina uma série de representações sobre o cotidiano da cidade cuja população àquela época transpirava ansiedade na expectativa pela chegada do progresso, materializada no advento da ferrovia e de outras novidades do mundo urbano e moderno que desembarcavam no município.

Sua trajetória de vida aí rememorada se insere em um período marcado por muitas transformações na paisagem urbana local. Perceber partes da história de vida do autor pode nos revelar momentos cruciais da história municipal, nacional e até mesmo eventos mundiais. Afinal, Cyro dos Anjos presenciou episódios singulares da história contemporânea, como a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) e a epidemia da gripe espanhola em 1918.<sup>4</sup>

A literatura se apresenta como objeto fundamental de pesquisa na medida em que oferece ao historiador, entre outras coisas, a possibilidade de problematizar elementos do contexto da obra e do autor, identificando aspectos da vida do indivíduo, que era um homem de letras, e do cotidiano da população local. Diante disso, deve-se analisar o texto em questão em sintonia com a vida do escritor, com o período histórico por ele vivido e com as discussões da época. No caso, o escritor narrou momentos da história de Montes Claros em linguagem fluente, sóbria, pontuada por fina ironia e até por uma crítica mordaz. Por meio de um enredo simples e atraente, via pequenos capítulos, Cyro dos Anjos buscou capturar o que lhe pareceu significativo na cidade ao longo de sua infância até boa parte de sua adolescência. *A menina do sobrado*, sobretudo em *Explorações no tempo: memórias*, constitui um registro histórico precioso de um período de Montes Claros durante a Primeira República – na verdade compreende os anos de 1910 a 1923, embora o autor recapitule alguns eventos bem anteriores a essas datas.

A estrutura narrativa do livro se articula em torno de fragmentos da memória do escritor, fazendo emergir representações de um passado vivenci-

<sup>3</sup> WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982, p. 119.

<sup>4</sup> No final de 1918, Montes Claros conheceu o impacto avassalador dessa epidemia que assolou a humanidade matando milhões de pessoas no mundo inteiro. Na cidade e em seus arredores, em poucas semanas, pouco mais de 100 pessoas foram vitimadas pela terrível doença. O autor recapitula: “Essa famosa gripe de 1918 levou toda a minha família para a cama, e só eu e meu pai ficamos de pé”. ANJOS, Cyro dos. *Explorações no tempo: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p. 150.

ado por ele antes de se mudar para Belo Horizonte em 1923 a fim de continuar os seus estudos. Como ele assinala, a “memória é manhosa, tenho de negacear. Primeiro, reproduzo o painel, assim como vem à mente; depois, investigo pormenores, procuro restituir a pintura primitiva, removendo as finas pinceladas com que, sobre ela, o Tempo compôs outros quadros”.<sup>5</sup>

Essa narrativa de natureza memorialística e autobiográfica envereda igualmente pelo panorama político de Montes Claros no começo do século XX, dominado por uma cultura política mandonista e pela divisão e rivalidade política entre dois grupos. Nesse sentido, propomo-nos investigar como o autor representou a política local através de seu enredo que mistura história e ficção, memória e romance. Partimos do princípio de que seu livro proporciona uma significativa contribuição para o entendimento do imaginário político local e da cultura política daquela época na cidade e região.

Portanto, este texto, inicialmente, pretende evidenciar, a partir dos comentários do autor, aspectos diversos que marcaram o contexto político de Montes Claros no período por ele privilegiado. Cyro dos Anjos foi um observador arguto e perspicaz da política local. Seu pai foi um figurão do coronelismo montes-clarenses e, apesar de se vincular a uma facção do Partido Republicano – o grupo do deputado Honorato Alves – também gozava de bom trânsito em relação à facção adversária – ligada ao deputado Camilo Prates.

Na parte final, tencionamos demonstrar que, a despeito da rivalidade política e da violência entre esses dois grupos, imperava na cidade um imaginário social impregnado pelo sentimento de otimismo e pela ideia do progresso. Ambos estabeleceram acordos e se movimentaram em torno de várias demandas que iam lentamente mudando a fisionomia urbana de Montes Claros. A população experimentava um frenesi enquanto os trilhos da ferrovia se aproximavam. Por isso, as lideranças municipais negociaram um amplo entendimento, colocando um ponto final – pelo menos momentaneamente – nas desavenças políticas, em meio à expectativa da novidade que estava por vir.

### Uma política dividida

Durante boa parte da Primeira República (1889-1930), Montes Claros possuía um campo político polarizado ao redor de duas facções que disputavam o controle da Câmara Municipal. Elas estruturaram-se em torno de duas grandes parentelas: de um lado, as famílias Chaves e Prates e seus aliados (os Sá, Souto, Quadros e outras mais).<sup>6</sup> Do outro lado, os Veloso, Versiani e Alves, juntamente com outros núcleos familiares (como os Sarmiento, os Ribeiro, os Anjos – a que pertencia o autor – etc.).

Esses dois grupos seguiam a orientação política de seus líderes, deputados absenteístas com profundas conexões com a cidade e a região. As famílias Chaves e Prates e seus aliados liam pela cartilha do deputado federal Camilo Prates, daí serem apelidados de “camilistas” ou de “estrepes”. Já as famílias Veloso, Versiani e Alves e seus aliados, liderados pelo médico e deputado federal Honorato Alves, eram chamados de “honoratistas” ou de “pelados”.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 13.

<sup>6</sup> Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

Ambas as facções obedeciam, grosso modo, a uma divisão geográfica do espaço urbano de Montes Claros. A cidade era dividida em “Partido de Cima” e “Partido de Baixo”. Os correligionários do deputado Honorato Alves moravam na parte de cima, nas imediações do mercado, ao passo que os “camilistas”, de forma geral, habitavam a parte de baixo, nas proximidades da antiga Intendência, que ficava na grande praça retangular que tanto impressionara o viajante August de Saint-Hilaire – essa era a área mais antiga e tradicional do município – em sua passagem pela região no início do século XIX.

Cada um dos dois grupos contava com uma banda de música e o seu jornal – pelo menos quando a rivalidade entre eles se acirrava. Possuíam também seus capangas e jagunços prontos para a disputa de tiros se a ocasião o exigisse. Essa divisão política se inscrevia dentro de uma tradição coronelista da cultura política típica do mandonismo rural, caracterizada pela provocação, pela violência e pelo clientelismo. A respeito da divisão e da violência nessa tradição política, John Wirth afirma que Montes Claros

*durante anos esteve dividida em dois campos de batalha. Um deles, o “Partido do alto”, situado na praça mais alta da cidade, era liderado pelos irmãos Alves, Honorato (1868-1948) e João José (1876-1935). Era deles a facção conservadora denominada “barata”, herdada pelos irmãos de um médico cujas práticas no Norte de Minas e Bahia os Alves continuaram. O outro, o chamado “Partido de baixo” (por causa de outra praça), estava sob a chefia de Camilo Filinto Prates (1865-1940), professor de escola normal. Seu grupo remontava à velha panelinha liberal conhecida como os “molotros”. Cada facção tinha uma banda marcial, um jornal, seus assassinos contratados e aliados nas localidades vizinhas. As crianças cujas famílias pertenciam a um partido não ousavam brincar com os filhos de membros de outro. Inevitavelmente, os dois lados, em suas cores republicanas, receberam novos apelidos: os “carecas” e os “metidos”. Em 1915, os primeiros anos de competição não violenta deram lugar à guerra aberta. Montes Claros, uma cidade de estação de ferro e mercado regional de gado, cresceu e prosperou apesar dos tiroteios de winchester e as explosões de bombas de dinamite.<sup>7</sup>*

Conforme mencionamos, Cyro dos Anjos era filho do Coronel Antônio dos Anjos, vinculado ao “Partido de Cima”, aos honoratistas. O coronel era dono de um estabelecimento comercial no qual, no final do dia, em frente ao qual reunia-se um grupo de personalidades da cidade, quase todas filiadas à facção honoratista, para conversarem sobre assuntos gerais, que invariavelmente passavam pela política local. Elas compunham o “círculo da porta da loja”.<sup>8</sup>

A respeito do pai, o autor nos informa que tinha uma projeção política de destaque, pois ele “acolhia eleitores na casa ao lado”<sup>9</sup> da loja. Nos seus relatos Cyro dos Anjos lembra que, por causa da divisão política existente na cidade, alguns amigos do seu progenitor, como um juiz, só apareciam em épocas de trégua política. Falando ainda acerca do pai, Cyro dos Anjos ressalta a “rígida hierarquia do clã familiar”: o inegável traço mandonista do chefe da

<sup>7</sup> WIRTH, John D. *op. cit.*, p. 224.

<sup>8</sup> Como anota Cyro dos Anjos, temas contemporâneos chegavam a embalar as discussões, a exemplo das batalhas e estratégias dos principais generais na Primeira Guerra Mundial. Ver ANJOS, Cyro dos, *op. cit.*, p. 13.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.



família era revelador de seu forte apego à autoridade, à disciplina. Seu semblante grave, irradiava austeridade própria de um “homem sisudo” que conduzia o ambiente da casa de forma severa.<sup>10</sup>

Retornando à questão da divisão política em Montes Claros, Cyro dos Anjos a rememora várias vezes em narrativa. No capítulo 17, por exemplo, ele descreve a origem de tal cisão:

*Nascida nas últimas décadas do Império – quando ao inaugurar-se o Mercado, o largo de cima arrebatou à antiga intendência a sua clientela de feirante – a emulação foi crescendo com o tempo, até identificar os dois logradouros públicos com as duas facções políticas: os Pelados passaram a ser os de cima, e os Estrepes, os de baixo. O tio Versiani, o meu pai, o primo Sarmiento, seu Chico Peres e o Mercado inteiro eram honoratistas – por acompanharem o Deputado Honorato Alves. E o largo de Baixo acabou por esvaziar-se completamente de Pelados, tornando-se todo camilista, todo fiel ao Deputado Camilo Prates, salvo na área neutra, da Igreja.<sup>11</sup>*

“Pelados” e “estrepes” e suas lutas marcariam a memória coletiva da cidade. Como observa Bronislaw Baczko, a vida social produz bens simbólicos e representações que compõem o imaginário coletivo de um povo, sendo que “o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira”.<sup>12</sup> E as representações desses grupos montes-clarenses integraram o repertório da tradição política do município. Em síntese, conforme já destacamos, “temos o imaginário se estruturando em relação ao universo político e ao mesmo tempo configurando uma geografia social da cidade, pois o espaço urbano de Montes Claros se organizou de acordo com as linhas de força que dividiam o poder local em torno das principais famílias que gravitavam ao redor das duas parentelas”.<sup>13</sup>

A memória do autor foi profundamente afetada por essa divisão. Tal cisão atingia inclusive as crianças da cidade, como já sublinhou John D. Wirth. E Cyro vivenciou essa experiência na própria pele, em sua infância. Praticamente, só conversava com os meninos do “Partido de Cima” – exceção feita ao “compadre Newton”, que era um dos seus principais amigos. Uma vez em que se aventurou no espaço ligado aos de baixo, acabou se envolvendo em uma confusão na qual levou alguns sapatos de colegas de escola – tratou-se de uma briga entre os colegas de classe que, em sua maioria, “eram ligados aos de baixo”. Nos períodos de pleitos eleitorais acentuavam-se as rivalidades entre as duas facções, sob um clima de conflagração aberta. Tiroteios no meio da noite eram então frequentes: Tanto “os de cima” quanto “os de baixo” trocavam tiros, configurando uma verdadeira sinfonia de balas e estampidos

<sup>10</sup> Ver *idem, ibidem*, p. 46.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 84.

<sup>12</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*: coleção Antrophos-Homem. Lisboa: Casa da Moeda, 1985, p. 311.

<sup>13</sup> PORTO, Cesar Henrique de Queiroz. Imprensa, poder privado e imaginário político em Montes Claros na Primeira República (1889-1930). In: CRISTINA, Carla Barbosa e PORTO, César Henrique de Queiroz (orgs.). *Sertão: tradição, cultura e poder*. Montes Claros: Editora Unimontes, 2018, p. 158.

noturnos. Não por outra razão, o capítulo 17 da obra de Cyro dos Anjos se intitula “Tiros dentro da noite”.<sup>14</sup>

Um fato inusitado que o autor recapitula ocorreu por ocasião das eleições de 1915. Rompendo com um longo período de tranquilidade na política municipal, a violência voltou a imperar nesse pleito e, por fim, os dois partidos se proclamaram vencedores. Duas câmaras começaram então a funcionar na cidade.<sup>15</sup> O impasse da dualidade somente foi solucionado no ano seguinte, pelo governo estadual, que promoveu um acordo pelo qual as duas facções dividiram entre si as vagas da Câmara Municipal.<sup>16</sup> Contudo, a paz não se manteve por muito tempo, em que pese haver apaziguado temporariamente os ânimos dos grupos contendores.

Com a erosão do acordo de 1916, as rivalidades entre as facções não demoraram a retornar. Em 1918, logo após as eleições irrompeu um tiroteio que deixou algumas vítimas fatais, como registra o escritor. A população local cultivava a tradição de fazer passeatas para comemoração de determinados eventos e datas festivas. Naquela ocasião, os correligionários do deputado Honorato Alves celebravam sua vitória eleitoral em uma passeata em frente à casa do chefe rival, num claro ato de provocação, dentro da tradição mandonista. Foram recebidos à bala pelos adeptos do Partido de Baixo, o que atestava o nível alcançado pela situação de beligerância reinante, produto da divisão política que se prolongaria por mais alguns anos.

De todo modo, a população continuava a conviver, no início da década de 1920, com a ansiedade e a expectativa pela chegada do progresso, em particular pelos trilhos que conduziriam as locomotivas à cidade. As elites locais, percebendo a necessidade de colocar um ponto final nas desavenças políticas, se articularam para selar mais um acordo que garantiu uma momentânea conciliação.

### **A conciliação e a expectativa pela chegada da ferrovia**

Por volta do começo dos anos 1920, a população de Montes Claros prosseguia na sua labuta, cercada de problemas e dificuldades típicos de inúmeras cidades pequenas espalhadas pelo interior do vasto território brasileiro. Cyro dos Anjos aponta, por exemplo, as questões decorrentes do precário abastecimento de água, que tendia a piorar com o crescimento urbano. Somava-se a isso a grande quantidade de mendigos/pedintes que perambulavam nas proximidades do Mercado Municipal.<sup>17</sup> E o que dizer do problema relativo

<sup>14</sup> ANJOS, Cyro dos, *op. cit.* A seguinte passagem é muito reveladora: “A esse tempo, tiroteios noturnos se trocavam com frequência entre os de Cima e os de Baixo, e nenhum rapaz que se prezasse deixava de trazer à cintura o seu Smith & Wesson ou a sua Colt”. *Idem, ibidem*, p. 148.

<sup>15</sup> A respeito da dualidade de câmaras e da política coronelista local, ver PORTO, César Henrique de Queiroz Porto. *Paternalismo, poder privado e violência: o campo político norte-mineiro durante a Primeira República*. Montes Claros: Unimontes, 2007, p. 76 e 77.

<sup>16</sup> Sobre os acordos no contexto do coronelismo, ver LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Rio de Janeiro: Alfa Ômega, 1998, p. 48.

<sup>17</sup> O Mercado Municipal, foi construído no final do século XIX, na “parte de cima” da cidade, em uma área que logo iria concentrar uma parcela apreciável do movimento e das novas construções que, lentamente, vinham mudando a fisionomia urbana de Montes Claros. Por sinal, como Cyro dos Anjos frisa, o surgimento desse estabelecimento alimentou divergências que se encontram na origem da divisão política local.

ao transporte para a capital do estado? Além da considerável distância, as estradas que existiam eram de péssima qualidade. Por isso mesmo, a ferrovia despontava como o grande sonho da elite local. De mais a mais, ela materializava a expressão simbólica do mundo tecnológico e moderno, representação central do imaginário do progresso naquele período.<sup>18</sup>

Cyro dos Anjos nos revela que Montes Claros, à época, tinha cinco estradas (saídas). A mais importante era a de Várzea da Palma, que permitiria ao viajante atingir a Estrada de Ferro Central do Brasil com destino a Belo Horizonte. O problema é que, para cumprir tal itinerário, gastavam-se de quatro a cinco dias de viagem em lombo de cavalo. Aliás, aos dez anos, idade, o escritor em pessoa passou por essa situação. Para ele, a “viagem a Várzea da Palma subsiste, até hoje como a mais fecunda de minhas experiências geográficas”.<sup>19</sup>

Felizmente, para os moradores de Montes Claros, os “caminhos de ferro” já se aproximavam. Particularmente ansiosos estavam os pecuaristas da região, que esperavam poder exportar diretamente o gado para os grandes centros urbanos como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, então capital federal.<sup>20</sup> Porém, a expectativa era generalizada, como comenta Cyro dos Anjos.<sup>21</sup> Para além disso, o desejo do progresso pulsava na cidade, que passava por mudanças. No mesmo período, os primeiros automóveis começaram a circular nas principais vias urbanas – inclusive uma motocicleta; e, como relembra o autor, desde 1917 Montes Claros dispunha de luz elétrica.<sup>22</sup> Poucos anos depois, um coreto foi construído no largo de baixo: “Novidade grande, que trazia outra ainda maior no seu bojo: seriam subterrâneos os fios que levariam a luz elétrica ao coreto”.<sup>23</sup> Toda essa atmosfera de celebração das novidades transparece no capítulo 16, emblematicamente intitulado “Nova idade se inaugura”. Nele é descrita a substituição de velhas casas por edifícios novos que iam alterando a fisionomia da cidade.<sup>24</sup>

No capítulo 41, Cyro dos Anjos deixa entrever parte do imaginário social dominante em Montes Claros: com a perspectiva do advento da ferrovia, um “frenesi se apoderava do povo”, tanto que “aconteceu que a cidade, por essa época, conhecesse dias febricitantes que lhe iam rapidamente modificando a fisionomia”.<sup>25</sup> Diante desse alvoroço, respiravam-se ares de mudanças. Essas representações evocavam o desejo das elites dirigentes do município da construção de uma nova imagem, comprometida com o progresso e o mundo moderno, bem diferente daquela relacionada ao mandonismo e à violência do coronelismo.

Tudo indica que o escritor galvaniza o sentimento predominante no seio das elites locais, cansada dos excessos da política coronelista, responsáveis por projetar uma imagem profundamente negativa de Montes Claros. Era urgente e necessário pôr um paradeiro nisso, sintonizando-a com novos tem-

<sup>18</sup> Cf. HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções – 1789-1848*. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz e Terra, 2017.

<sup>19</sup> ANJOS, Cyro dos, *op. cit.*, p. 134.

<sup>20</sup> Desde suas origens, a pecuária extensiva era o carro-chefe de sua economia de Montes Claros.

<sup>21</sup> Ver ANJOS, Cyro dos, *op. cit.*, p. 79 e segs.

<sup>22</sup> Por volta de 1920, Montes Claros já contava com outras novidades da tecnologia, como cinema e telégrafo.

<sup>23</sup> ANJOS, Cyro dos, *op. cit.*, p. 182.

<sup>24</sup> “Tal paisagem desapareceu com a nova idade, aos rebates longínquos da estrada de ferro, cuja construção marchava lentamente rumo a Santana”. *Idem, ibidem*, p. 78.

<sup>25</sup> *Idem, ibidem*, p. 156.

pos. Por isso, a década de 1920 foi bastante significativa na história da cidade. A maior reivindicação dos grupos que dirigiam a política local consistia na extensão da linha férrea até o município, o que o converteria no maior polo do comércio de produtos agropecuários da imensa região do norte do estado de Minas Gerais.

Com a inauguração, em 1926, do prédio da Estação Central do Brasil, o “Partido de Cima” e o “Partido de Baixo” pararam de se digladiar e avançaram nas negociações visando promover um novo acordo político que vinha sendo costurado desde 1922. Reconciliavam-se, assim, as duas facções locais do Partido Republicano Mineiro (PRM). O pai de Cyro dos Anjos, o coronel Antonio dos Anjos, foi o nome escolhido para a chefia do executivo local – presidente da Câmara e agente executivo municipal.<sup>26</sup> De perfil conciliador, a sua candidatura cristalizou as aspirações de grande parte das pessoas mais diretamente envolvidas com a política municipal. Apesar de não oferecer nenhum detalhe desse acordo, Cyro dos Anjos reforça: “Por algum tempo meu pai se manteria na crista da onda, eleito que foi como candidato da conciliação, para presidência da Câmara”.<sup>27</sup> Seja como for, o entendimento só foi viabilizado com a intermediação do governador (à época designado presidente) do estado Raul Soares e dos dois deputados que comandavam as facções montes-clarenses, Camilo Prates e Honorato Alves. Uma de suas consequências imediatas foi a partilha dos principais cargos da municipalidade e na Câmara.

### A contribuição de Cyro dos Anjos

Conforme salientamos, Cyro dos Anjos nos proporciona um importante relato memorialístico para o entendimento do cotidiano de Montes Claros em princípios do século XX, mais especificamente entre 1910 e 1923. Em *Explorações no tempo*: memórias ele nos revela um imaginário carregado de representações que traduzem sentimentos, desejos, expectativas e valores ligados à coletividade montes-clarense. Nessa perspectiva, a obra pesquisada é um relevante eixo de acesso à compreensão de uma época e de uma cultura.<sup>28</sup>

Sua narrativa engloba o momento em que Montes Claros caminhava para se consolidar, no cenário norte-mineiro, como uma cidade considerada “progressista” pelas elites locais. No entanto, em matéria de política, as práticas coronelistas davam a tônica em se tratando da política institucionalizada, dominada pelo fenômeno do coronelismo, com a cultura política permeada por valores como o personalismo, a violência e o mandonismo. Nesse ambiente conturbado, não faltou nem mesmo um caso de duplicata de câmaras municipais após uma disputada e contestada eleição.

Olhar essa época sob as lentes de Cyro dos Anjos implica, acima de tudo, acompanhar as idas e vindas de Montes Claros em seu trânsito para o que

<sup>26</sup> Na Primeira República, o agente executivo possuía atribuições que o aproximavam dos atuais prefeitos municipais. Era também o presidente da Câmara Municipal, geralmente o vereador mais votado nas eleições.

<sup>27</sup> ANJOS, Cyro dos, *op. cit.*, p. 220.

<sup>28</sup> Ver igualmente PORTO, César Henrique de Queiroz. Gripe espanhola e a imprensa escrita de Montes Claros em 1918. In: RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral (org.). *A história na imprensa, a imprensa na história*. Jundiaí: Paco, 2016.

se considerava ser um marco do advento da modernidade, assinalando a passagem de um tempo antigo, da cidade rural para um tempo de um mundo urbano.

*Artigo recebido em 6 de setembro de 2022. Aprovado em 3 de janeiro de 2023.*